



A Casa dos Guedes

Ana Paula Almeida de Mello

Cooperada de Ginecologia e Obstetrícia

Durante toda a minha infância e adolescência, eu e a minha família passávamos férias no interior de Minas, em Caxambu. A família do meu avô tinha um hotel, onde costumávamos nos hospedar. Porém, nosso programa preferido era tomar café todo fim de tarde na casa dos Guedes, sobrenome da família da minha avó. Minha bisavó Ernestina e minha tia-avó Lulu nos recebiam com pão quentinho e café coado na hora.

Ainda preservada e bem-cuidada até hoje, a Casa Guedes é um casarão de dois andares, uma ampla construção em C com pátio central interno. O andar de cima serve para moradia e o andar térreo é dividido em lojas. Foi construído no centro da cidade de Caxambu há mais de cento e cinquenta anos, quando nem havia cidade ainda. Os móveis de época chamavam a atenção: um piano no salão de visitas, um relógio carrilhão de chão na sala de jantar, um filtro de barro e pia de ferro com azulejos antigos na cozinha, todos portugueses do século XIX.

Por dois anos, meus avós moraram na Casa Guedes. Eu e a minha irmã preferíamos nos hospedar lá, enquanto meus pais continuavam no hotel. Gostávamos muito da convivência, pois era uma família muito interessante. Tia Lulu era um doce e sempre foi muito magrinha e beata. Todos os dias ela subia as dezenas de degraus que levavam até a Igreja mais alta da cidade, apesar da Igreja Matriz ser ao lado da casa. Como tinha asma e epilepsia, nunca se casou e morou toda a sua vida no casarão.

Tia Lourdes e tio Portus eram unha e carne, casados há mais de meio século. Difícil mesmo era entender a conversa entre eles, pois ambos estavam bastante surdos e se recusavam a usar qualquer aparelho de audição. Tio Portus perguntava gritando: Lourdes, você viu a Lulu por aí? Tia Lourdes respondia mais alto ainda: acho que vi sim! Você já procurou dentro da gaveta do criado mudo? E depois disso ia ficando cada vez mais louco...

Tia Alaíde era a mais velha e a mais vaidosa. Na flor dos seus oitenta anos, ela se vestia com batas estampadas, colares e pulseiras coloridas. O ritual de se maquiar era diário e caprichado, com muito delineador e blush. Na sua juventude, ela foi muito bonita. Fazia questão de jogar tênis no Parque das Águas de Caxambu com uniforme impecável e bastante curto para os padrões da década de vinte. Porém, não jogava mais do que uma partida, senão o suor escorria e borrava toda a maquiagem. Sempre que estava inspirada, tia Alaíde tocava piano para nós. Nesses momentos, o piano era cuidadosamente aberto e limpo e o som retumbava pelo salão, nos remetendo aos saraus do início do século XX.

Falando em saraus, a maior fã deles era minha tia-bisavó, a tia Tosca. Ela era muito culta e frequentava desacompanhada os bailes e os saraus de poesia e de música, um escândalo para a época. Tia Tosca se autoprotoclamava solteirona convicta, porém casou-se após os seus 30 anos com um senhor muito mais velho. Ficou viúva logo após ter dois filhos e comentava que era melhor que ser solteira ou casada, pois tinha os filhos e não tinha mais marido para dar trabalho.

Minha bisavó Ernestina era uma senhora muito elegante e serena. Enxergar, não enxergava quase nada, mas dava notícias das novelas e de todos da cidade com o pouco que escutava. Conseguia ouvir quando os sinos da igreja badalavam fora dos horários de missa anunciando um cortejo de enterro que estava passando, e dizia: – mais um que partiu, e eu aqui ainda...

Cerca de mês antes da comemoração dos seus 100 anos, ela pegou uma gripe muito forte. O irmão do meu pai, espirituoso como sempre, não resistiu e falou que ela tinha que chegar no dia da festa centenária nem

que fosse empalhada. Viveu até os 103 anos.

Na noite anterior ao seu falecimento, minha bisavó encontrava-se muito bem-disposta. Antes de dormir, pediu à sua acompanhante que lhe servisse uma laranja, que chupou como se fosse a melhor iguaria do mundo! Depois anunciou: essa noite eu vou jantar com o Evaristo e com a Lulu. Eram os seus dois filhos que já tinham morrido.

Alguns anos depois, em meados dos meus 30 anos, eu andava meio aflita com as escolhas que havia feito na vida. Eu já tinha desistido de me casar duas vezes. Ficava me lembrando da tia Tosca e me preocupava de não ter nem os filhos. Certa noite, eu tive um sonho muito real com a minha bisavó. No sonho, eu me encontrava no seu quarto com ela, que estava sentada na cama de pernas cruzadas, como se fosse um guru. Comecei a me queixar da minha condição de solteirona e me culpava por ser tão exigente. Ela logo me interrompeu e disse:

- Minha querida, você é uma mulher bonita, inteligente, médica e que consegue se sustentar. Quer saber o que um homem precisa para se casar com você? Quero que você preste bastante atenção e anote direitinho. Pegue uma caneta e um papel.

- Quero saber sim, Vó! Já vou pegar a caneta.

- Precisa anotar, que eu vou falar só uma vez...

- Estou prestando atenção, Vó, pode falar.

Então ela falou pausadamente: um mi-lhão de dó-la-res!